

Leonardo Boff*

Francisco: uma nova genealogia de papas?

O Papa Francisco escolheu o dia certo para fazer seu encontro com o Senhor: a Páscoa, que é o começo do novo e é uma pequena antecipação do fim bom do mundo.

Na perspectiva latino-americana, Francisco emerge como o inaugurador de uma nova genealogia de Papas. Na Igreja europeia vivem apenas 25% dos católicos. Nas Américas, 65%; o restante nos vários continentes. O cristianismo europeu é agônico, por lá há igrejas fechadas porque nenhum fiel a frequenta.

Nas Américas está se consolidando um cristianismo-fonte e não mais espelho dos europeus. Depois de mais de 500 anos de presença cristã, surgiram rostos novos de Igreja, a Igreja na base dos fiéis, bispos despojados não mais morando em palácios, mas no meio do povo; padres que residem nas periferias, uma série enorme de movimentos leigos, que assumem sua autonomia e muitas religiosas vivendo no interior da Amazônia.

Com razão, dizemos que aqui está surgindo uma eclesiogênese, vale dizer, a gênese de outro tipo de igreja. Logicamente, persiste muito ainda o velho estilo romano de Igreja. Mas não é ela que leva ao futuro; não caracteriza um outro estilo de Igreja, diverso daquele estritamente tradicional. Vejo as seguintes características do papado de Francisco de Roma.

Em primeiro lugar, Francisco não é apenas um nome mas um projeto de Igreja: pobre e especialmente para os pobres, uma Igreja anunciadora da paz, contra todo tipo de guerras que existem no mundo. Uma Igreja denunciadora de um sistema econômico que mata, pois pratica dua injus-

tiças: devasta a natureza e oprime a maioria da humanidade; uma Igreja que cuida da criação como Casa Comum.

Ele escreveu duas belas encíclicas: Laudato Si’ (2020) sobre o cuidado da nossa casa comum - e Fratelli tutti (2025). Especialmente nesta última, apresenta uma alternativa ao paradigma da modernidade fundado no poder/dominação e do ser humano acima e fora da natureza. Apresenta como alternativa a franternidade universal e o amor social, colocando o ser humano dentro da natureza e irmão e irmão de todos os demais seres, particularmente de seus semelhantes. Nisso vê uma possível salvação da vida na Terra, “pois estamos todos no mesmo barco, ou nos salvamos todos ou ninguém se salva”.

Francisco de Roma, imitando o de Assis, não vai morar nos palácios pontifícios. Escolhe uma casa de hóspedes, Santa Marta, mora num quarto simples, com outro para receber as pessoas. Está mais próximo da gruta de Belém do que do palácio de Herodes. É um homem entre outros homens. Diz que antes de tudo é bispo de Roma e depois Papa, que quer conduzir a Igreja com amor e não com o direito canônico. Pede aos bispos, coisa inaudita, uma pastoral da ternura e da irrestrita acolhida.

O Papa Francisco “vem do fim do mundo”, da Argentina, com outra imagem de Igreja, diversa daquela de seus predecessores, uma Igreja que não é um castelo, voltada para dentro com sua ortodoxia e disciplina e cercada de inimigos, a cultura da modernidade; mas uma “Igreja em saída” na direção dos que estão à margem, que sofrem e se sentem marginalizados. Diz que quer

“uma Igreja tenda de campanha”, que acolhe a todos os feridos sem perguntar por sua religião, sua moralidade, basta que sejam humanos e necessitados.

Francisco não é uma Papa centrado na ortodoxia, na vigilância dos dogmas e da reta disciplina. Respeita esta formulação mas abertamente diz que com tais coisas não se chega ao coração humano. Precisamos acercar-nos com bondade, com sentido de compaixão e de ternura. Não se trata de converter os outros mas seduzi-los pela mensagem humanitária de Jesus. Repetiu muitas vezes: Cristo veio para ensinar-nos a viver, o amor incondicional, a solidariedade, a compaixão, o perdão, valores que compõem seu projeto de Reino de Deus.

O Papa Francisco se inscreve nos quadros da teologia da libertação de estilo argentino: libertar a cultura silenciada e o povo oprimido. Desde jovem estudante, assumiu esta teologia associada a uma promessa que fez a si mesmo: toda semana visitar sozinho uma favela (“Vila Miséria”), entrar nas casas das pessoas, conversar com elas, animá-las e trazer-lhe a verdade de que Deus ama especialmente os pobres, pois Deus é vivo e prefere aqueles que menos vida têm. Recebe com carinho o fundador da teologia da libertação, Gustavo Gutiérrez, John Sobrino e Pepa Castillo. Interrompe o sínodo para lembrar a morte de Gutiérrez, de 96 anos, grande servidor dos pobres. Marcamos pessoalmente por várias vezes um encontro, mas problemas internos do Vaticano o impossibilitaram. Mas tenho cartas carinhosas dele além de uma fotografia juntos, quando dávamos palestras em

Buenos Aires, em 1972.

Feito Cardeal, viveu sozinho num pequeno apartamento, cozinhou sua comida, dispensou o palácio e o carro. Ia a pé ou se deslocava de metrô ou de ônibus, comprava seu próprio jornal.

Tema central de sua pregação é a misericórdia infinita de Deus. Diz que a condenação é só para esse mundo, pois Deus não pode perder nenhum filho e filha que criou no amor, pois ninguém pode impôr limites à sua misericórdia que vai além da justiça.

Insiste: não puguem o evangelho com o medo e com a ameaça do inferno. Cristo bem disse no evangelho de São João: “Se alguém vem a mim, eu não mandarei embora”. Acolhe a todos, independentemente de sua condição sexual. A um menino que se revela ao Papa como homoafetivo, ouve a resposta: “Deus te quis assim. Deus te ama e eu também de amo”. Efetivamente torna a mensagem cristã uma realidade libertadora que humaniza e torna alegre e leve a vida, e não um pesadelo com medo do fogo do inferno.

Ouso pensar que pelo fato da maioria os católicos viverem fora da galáxia europeia, a partir do Papa Francisco virão Papas das Igrejas novas, capazes de dialogar com as demais religiões e viver a nova situação da humanidade, habitando a única Casa Comum. Junto com outros caminhos espirituais, ajudará a manter acesa a chama interior da espiritualidade natural, a alimentará, a cultivará e impedirá que o mais sagrado do ser humano sucumba junto com sua Casa Comum.

***Escreveu: Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja Rio de Janeiro 2015**

EDITORIAL

O legado de Chico

O mundo amanheceu mais silencioso. Morreu o Papa Francisco, aos 88 anos, na Casa Santa Marta, no Vaticano. Primeiro pontífice latino-americano e jesuíta, Jorge Mario Bergoglio encerra um capítulo singular na história da Igreja Católica, mas seu legado ecoará por gerações.

Desde sua eleição em 2013, Francisco foi um líder que rompeu protocolos e aproximou a Igreja dos fiéis. Optou pela simplicidade — rejeitou os aposentos papais, vestiu-se com modéstia e preferiu andar entre o povo. Mais que gestos simbólicos, suas escolhas revelaram uma visão pastoral centrada na misericórdia, na inclusão e na justiça social.

Foi incansável ao denunciar desigualdades, defender migrantes, clamar por paz em tempos de guerra e convocar o mundo à responsabilidade ambiental com sua encíclica “Laudato Si’”. Enfrentou com coragem a dolorosa chaga dos abusos dentro da Igreja, promovendo reformas e transparência. Levou o diálogo inter-religioso a novos patamares e mostrou que o verdadeiro poder se exerce com humildade.

Em seu papado, o amor ao próximo foi elevado ao centro da ação evangelizadora. Francisco insistiu que a Igreja não deveria ser uma alfândega da fé, mas um hospital de campanha para as feridas do

mundo. Falou com ternura aos jovens, aos encarcerados, às mulheres, aos povos indígenas, e nunca se esquivou dos temas mais espinhosos da contemporaneidade.

Internamente, desafiou resistências e enfrentou setores conservadores com firmeza e serenidade. Renovou o colégio cardinalício com rostos de diversas partes do globo, incluindo regiões periféricas, e ampliou a representatividade de vozes até então marginalizadas. Sua liderança não foi de imposição, mas de escuta e abertura.

Francisco também foi o papa dos gestos históricos: lavou os pés de presidiários e refugiados, visitou campos de guerra, chorou com vítimas de tragédias e falou ao mundo com palavras simples e contundentes. Relembrou, com seu exemplo, que a fé verdadeira está na prática do Evangelho e na compaixão concreta.

Sua morte, durante o Jubileu — o “ano do perdão” — tem um simbolismo profundo. Francisco se vai como viveu: pedindo que olhemos para os outros com ternura e construamos pontes, não muros.

A Igreja perde um pastor. O mundo, um exemplo. Francisco deixa-nos não apenas um legado espiritual, mas um convite permanente à empatia, à solidariedade e à esperança. E esse legado é eterno.

Os acontecimentos de 21 de abril

O dia 21 de abril ficará marcado na história pela morte de três nomes na história: dois deles brasileiros e um da católica. O falecimento de Mario Jorge Bergoglio, o Papa Francisco, representa não apenas um pontificado de grandes mudanças e significativas reconquistas da Cúria Romana, como também um passo importante para a Igreja para as mudanças do século XXI. Porém, outros dois nomes nacionais também são lembrados nesta data.

Joaquim Francisco da Silva Xavier é o primeiro dele. Um homem que trabalhou muito na vida e foi uma figura que serviu de mártir para aqueles que eram contra a colônia portuguesa e lutaram pela independência das Minas Gerais. Quem ainda não se recordou que ele era o famoso Tiradentes, que ganhou este nome não por ser dentista, mas por ter a técnica de tirar os dentes das pessoas, precisa visitar as históricas cidades da antiga Vila Rica de São João Del Rei.

O segundo nome é de um grande político mineiro, que fez enorme carreira em sua terra natal, mas que, por destino, foi eleito e não assumiu a presidência do Brasil. Tancredo de Al-

meida Neves foi o símbolo de um país que vinha da ditadura e renascia da democracia. Mesmo que sua eleição fosse indireta, fora a representação de um novo brasil, depois de quase 20 anos sob a batuta dos militares. Em 2025, celebram-se 40 anos de sua morte, ainda um mistério a ser desvendado.

E ainda tem a comemoração da fundação da capital federal — Brasília —, que também é nesta data; o símbolo máximo de um novo Distrito Federal e da divisão do Rio de Janeiro, com a criação do Estado da Guanabara, refeita 15 anos depois, com a reunificação entre a antiga capital federal, a Cidade Maravilhosa, com o resto dos municípios fluminenses.

O dia 21 de abril representa muitas facetas, com muitos acontecimentos, em vários séculos diferentes. Mas fica marcado por ter tantas efemérides e agora ganha mais uma, de forma melancólica, mas, também de um ser humano que fez jus à ordem que seguia. Se Bergoglio escolheu Francisco como nome de Papa, não foi por acaso, mas sim para significar que novos ventos estavam por vir; e vieram, para renovar de esperança e fé a Igreja Católica Apostólica Romana.

Sérgio Cabral*

Francisco

“O senhor é tão gente boa que nem parece argentino” e o Papa Francisco caiu na gargalhada.

Cometi a ousadia desse “chiste”, como dizem los hermanos, depois de dias ao lado de Sua Santidade, durante a Jornada Mundial da Juventude, em julho de 2013.

Impactado pelo ser humano divino, desprovido de vaidades, atento às necessidades dos po-

bres e miseráveis, e corajoso em defender os direitos das minorias. Um hermano! O primeiro latino-americano Papa.

O Rio de Janeiro parou durante dias, mais precisamente de 23 a 28 de julho. Milhões de fiéis do Brasil e do mundo compareceram aos eventos da JMJ sob a liderança de Francisco.

Algo inédito e histórico aconteceu: o Papa chegou ao Rio e seguiu direto ao Palácio

Guanabara, para realizar uma missa no Jardim de Inverno do palácio. Nunca houve uma missa em palácio de governo, que eu saiba, nos últimos séculos. Você imagina a minha felicidade e honra por esse momento que está gravado na minha memória.

Depois da missa, Francisco gentilmente foi à minha sala, onde pude apresentar minha família. Foram dias incríveis ao

lado de um ser humano divino, exemplo de humildade e amor. Bem humorado, inteligente, culto, sentia nele o verdadeiro amor ao seu semelhante.

Não à toa sua última aparição pública se deu na Páscoa, celebração do Renascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Descanse em paz.

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

Barros Miranda*

Tancredo, o presidente não empossado

Um presidente eleito diretamente, mas que fora aclamado pelo povo. Assim ocorreu em 1985, quando o país saía do período militar e iniciava a campanha pelas “Diretas Já”. O Congresso não quis dar ao povo o direito de eleger o presidente pós ditadura, mas ouviu os populares quando fez

a chapa Tancredo Neves/José Sarney.

Sua eleição foi marcada por festa e euforia, mas ele não assumiu. Uma doença até agora não revelada nem o fez por a faixa presidencial no peito e Sarney, do PDS, antiga Arena, assumiu o Brasil no primeiro período da redemocratização.

Quarenta anos depois de sua morte muitas perguntas ainda estão no ar sobre o que realmente matou o presidente não empossado. Mas que fora um grande político e fez escola, como Aécio Neves, que, apesar de algumas coisas, é um nome bem lembrado na história recente política de Minas Gerais.

Tancredo de Almeida Neves ficará para sempre marcado na história do país e seus feitos que poderiam acontecer, no imaginário de muitos brasileiros e pesquisadores. Afinal, sua trajetória política é invejável para muitos.

***Historiador**

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

HÁ 95 ANOS: BRASIL AMPLIA POLÍTICA DE EMPRÉSTIMOS INTERNACIONAIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de abril de 1930 foram: Parlamento alemão aprova o plano financeiro de Bue-

ring. Socialistas francesas vão inter-pelar Tardieu pelas negociações da França em Londres. Conferência Naval tem cinco pareceres sobre

um tratado final. Rei Affonso XIII amplia a anistia na Espanha. Brasil amplia sua política de empréstimos internacionais.

HÁ 75 ANOS: EUA CRIA O CONSELHO DA ‘GUERRA FIRA’

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de abril de 1950 foram: Eleições em Trieste podem definir anexação da região à Iu-

goslândia. Conferência Econômica de Tóquio pode ratifi car negociações do Japão com outros países asiáticos. China tem onda de fome. EUA cria

Conselho da “Guerra Fria.” Senado aprecia lei que modifica o sistema judiciário do DF. PSD aguarda Vagas para propor seu candidato.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Claúdio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhpress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.